

MUNDO
MODERNO



A conquista de Monte Castelo



São 16,45 do dia 21 de fevereiro de 1945. A artilharia brasileira suspende sua ação. Dentro de uma hora Monte Castelo será conquistado

II

No dia 5 de dezembro, chegava ao QG Avancado da FEB, em Porreta-Terme, a Ordem do IV Corpo: "Cabe à DIE (FEB) capturar e manter a crista Monte della Torraccia — Monte Belvedere". O que significava dizer que o Monte Castelo, localizado no centro da linha Belvedere-Torraccia, seria mais uma vez o objetivo principal da nova ofensiva brasileira, que o General Mascarenhas de Moraes determinou tivesse início no dia 12.

As 6.30 da manhã, daquele dia 12 de dezembro, tinha início o terceiro assalto dos brasileiros ao Monte Castelo. A luta não demorou mais de cinco horas. Contra a ofensiva dos brasileiros voltavam a se conjurar os mesmos fatores negativos: o céu fechado aos aviões, o frio, a chuva persistente, o lamaçal escorregadio em que se transformava toda a "terra de ninguém", entre Gargio Montano e o Castelo, e que impedia a progressão dos tanques. Mesmo assim, as vanguardas brasileiras conseguiram chegar além da metade do caminho que as levaria ao Castelo — à esquerda, conquistaram Zolfo, a apenas 200 metros do cume, e, ao centro, chegaram à Abetaia, onde foram detidos por uma cerrada cortina da artilharia alemã. Ali, em Abetaia, ante-sala do Castelo, ficariam, naquele dia 12, mais de 20 brasileiros mortos, e cujos cadáveres, enfiados e enegrecidos pelo frio e pela neve, só seriam retirados no dia 22 de fevereiro, depois da conquista de Monte Castelo.

Esse terceiro ataque a Castello provou, mais uma vez, que os planos táticos para a conquista do morro feroz teriam de ser inteliramente modificados. Era evidente que o Castelo não poderia ser domado apenas com o concurso de algumas unidades da Força Expedicionária, mas, sim, com o empenho, na ofensiva, de toda a FEB. E' que os alemães alertados pela insistência do comando aliado na conquista de Castello, perceberam que aquela era uma posição que não deveriam entregar. E logo reforçaram suas tropas no cume e nas escarpas ao norte do morro, substituindo os regimentos que o defendiam por unidades novas, trazidas da retaguarda. Estabeleceu-se, então, entre brasileiros e alemães, uma dupla determinação: por parte dos brasileiros, a de que o Castelo teria que ser dominado de qualquer maneira; por parte dos alemães, a de que o monte não deveria ser abandonado em hipótese alguma. Tinham sido difíceis e cruentos os três primei-

ros ataques ao Castelo — e somente aquele do dia 12 de dezembro desfalcara os batalhões brasileiros atacantes de mais de 150 homens. O quarto — e que seria o último — prometia ser ainda mais dramático.

Enquanto isso, o inverno (que naquele ano fora um dos mais rigorosos já registrados na região dos Apeninos) começava a esquentar seu lençol branco por toda a frente italiana. A neve, que começou a cair antes de 24 de dezembro, já cobria todo o setor onde operavam os soldados brasileiros, que se viam, assim, diante de um outro inimigo, para eles até então desconhecido. Como poderiam os combatentes bisonhos, mal treinados, que da guerra sabiam apenas o que nela haviam aprendido, enfrentar o mar branco que os cercava e que ofuscava, ferindo-os, os seus olhos de tropicais? Foi, portanto, com alívio e até mesmo com alegria, que a vanguarda da FEB, estendida quinze quilômetros entre o Monte Gorgollesco e a Torre de Nerone, recebeu a notícia de que o comando do V Exército havia voltado atrás da sua decisão de "chegar a Bolonha antes do Natal", e que, por conseguinte, ficava suspensa a ofensiva geral planejada para os próximos dias.

A frente italiana entrava, assim, em recesso. Até fevereiro, no "front" apascentado pela neve, os transidos homens que o defendiam teriam que restringir sua guerra a operações de patrulha, à modorra friorenta dos "foxholes", os ouvidos embaldados pelo duelo esporádico entre a artilharia aliada e a alemã. Durante dois meses e dez dias o compasso de espera deu, na frente italiana, o ritmo da guerra entre alemães e aliados. Intermezzo que só seria interrompido no dia 19 de fevereiro, data estabelecida pelo comando do V Exército para o começo da nova — e decisiva — ofensiva que levaria as tropas aliadas — e entre elas, a FEB — além do vale do Pó, até as fronteiras com a França.

O plano chamava-se "Encore", nele seriam empregadas todas as tropas do IV Corpo de Exército, e seu objetivo seria o de expulsar o inimigo do setor do Reno e perseguir, em seguida, através do vale do rio Panaro.

No dia 18 de fevereiro de 1945, com o sentido de coordenar e estabelecer a estratégia e a tática da nova ofensiva, o General Crittenberger convocou ao seu Quartel-General todos os comandantes das unidades (brasileiras, inglesas, americanas e india-

nas) que compunham o IV Corpo de Exército. Lá se encontraram, entre outros, na manhã daquele dia, o General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, o General Hays, comandante da 10.^a Divisão de Montanha (tropa de elite norte-americana) e o General Williams, comandante da Artilharia do Corpo. Como seu assessor, levou o General Mascarenhas o Tenente-Coronel Humberto Alencar Castelo Branco, então chefe da 3.^a Seção (Operações) do Estado-Maior do corpo expedicionário brasileiro.

No "plano Encore", o papel dos brasileiros seria, uma vez mais, o de expulsar os alemães do Monte Castelo. Desta vez, no entanto, a tática seria outra — aquela que o general Mascarenhas sempre defendeu ou seja, a de que a poderosa posição germânica, situada no setor mais agressivo e mais íngreme do cume — apenas, só poderia ser conquistada se no assalto fosse empenhada toda a Divisão brasileira. E foi o que ficou estabelecido. No dia 20 de fevereiro, as tropas brasileiras se colocariam em posição de combate, com os seus três regimentos, se fosse necessário convergindo na direção de Castello; e, ao mesmo tempo, à esquerda, a experimentada 10.^a Divisão de Montanha norte-americana, encarregar-se-ia de se apoderar do Monte della Torraccia, garantindo, assim, o flanco mais vulnerável do setor defendido pelos brasileiros.

Como Correspondente de Guerra na frente italiana, tive oportunidade, naqueles 20, 21 e 22 de Fevereiro de 1945, de acompanhar de perto — a princípio, do Posto de Comando do então general Cordeiro de Farias comandante da Artilharia da FEB, e em seguida, ao lado da tropa, que na noite do dia 21 já havia alcançado o seu objetivo — e desenrolar da ofensiva da FEB que redundou na conquista de Monte Castelo.

Toda a Divisão Brasileira seria convocada para o definitivo ataque ao Castelo, mas coube aos três Batalhões do 1.^o Regimento (o Sampaio) a missão de avançar sobre Castello, dominá-lo e de lá expulsar os alemães da 23.^a Divisão de Infantaria "teudesca".

O ataque tem início na hora prevista: 6 horas da manhã. O Batalhão Uzeda avança pela esquerda, o Batalhão Franklin então tenente-coronel Emilio Rodrigues Franklin marcha na direção frontal do morro, enquanto que o Batalhão Sizen Sarmento (o II), aguarda nas posições avançadas que ocupara durante a noite o momen-

to de juntar-se aos outros dois batalhões. Segundo o plano "Encore", deveriam os brasileiros chegar à crista do Castelo no mais tardar até às 6 horas da tarde — ou seja, uma hora após a conquista do Monte della Torraccia pela 10.^a Divisão de Montanha, prevista para as 17 horas. Era agora convicção do comando do IV Corpo que Castello não poderia ser tomado sem que, antes, o Monte della Torraccia também o fosse. Mas o fato é que às 17.30 horas, quando ao cume do Castelo chegaram os primeiros soldados do III Batalhão (o Batalhão Franklin) do 1.^o Regimento, os norte-americanos da 10.^a Divisão de Montanha ainda não haviam conseguido quebrar a resistência alemã — o que só se daria noite adentro, quando os brasileiros já haviam alcançado o seu objetivo e começavam a ocupar, na crista do Castelo, as privilegiadas trincheiras e as fortificações casamatas recém-abandonadas pelos nazistas.

Além da perfeita coordenação entre os três Batalhões do Regimento Sampaio, um outro fator preponderante contribuiu para a grande vitória da FEB, naquele 21 de fevereiro. Refiro-me à atuação da Artilharia Divisionária, sob o comando do General Cordeiro de Faria, cuja concentração de fogo, entre 16 e 17 horas daquele dia, transformou o cume do Castelo no simulacro de um vulcão em atividade. Os primeiros prisioneiros alemães feitos pelos "pracinhas", nas casamatas do Castelo, mostravam, com o seu olhar esgazado e o seu desconforto nervoso, o que havia significado para eles o implacável bombardeio da nossa artilharia — que também transformara o pico do Castelo numa superfície lunar, com mil e uma crateras abertas na neve até então inviolada.

As 17.50 daquela tarde do dia 21, eu me encontrava no Posto de Comando do General Cordeiro de Faria, quando escutei a voz rouca do então Tenente-Coronel Franklin, vinda pelo rádio:

— Estou no cume do Castelo.

E pedia o coronel que a artilharia começasse a hostilizar posições inimigas além do monte na direção de La Serra, de Bela Vista e de Caseline, posições que nos dias seguintes não seriam mais do que marcos no longo caminho que levaria a FEB, na vertiginosa arrancada que iria começar, à conquista de Montese, de todo o vale do Panaro, bem como ao encontro da 148.^a Divisão Panzer alemã, cujos 15 mil homens, sob o comando do General Fretter Pico, iriam se render aos "pracinhas" brasileiros, em Fornovo, no dia 29 de abril — no mesmo dia em que Benito Mussolini e Claretta Petacci seriam fuzilados pelos "partigiani" italianos, à margem do Lago de Como.

Com a conquista de Castello — as palavras são do hoje General Manuel Tomás Castelo Branco, autor de "O Brasil na II Grande Guerra", livro que talvez seja, ao lado de "A FEB pelo seu comandante", do General Mascarenhas, a obra mais completa sobre a atuação dos expedicionários brasileiros na Itália — "com esse sedento feito, a FEB saldou um dos seus mais sérios compromissos na Itália, pelos aspectos morais que encerrava. M. Castelo

já não era mais um simples objetivo a conquistar, mas um desafio a enfrentar e uma vingança a executar, cujo deslêcho ou seria a consagração apoteótica ou a ruína acabrunhadora".

No dia seguinte à consolidação das posições brasileiras, em Monte Castelo, o General Mascarenhas foi inspecionar as suas tropas vitoriosas. E, conta o Coronel Tomás Castelo Branco, "algumas praças, não podendo conter o seu entusiasmo, correram desabridamente ao seu encontro aos gritos de "Viva o General!" Se não lhe ergueram novos urras, foi porque o bravo chefe não sabia rir com largueza, limitando-se a cumprimentar os soldados com um leve aceno, enquanto galgava as últimas escarpas entre grupos que se erguiam, respeitosos, à sua aproximação".

Naquela noite mesma do dia 21 de fevereiro, eu mandaria para a cadeia dos jornais "Associados" da qual era o Correspondente de Guerra na frente italiana um longo despacho telegráfico. Transcrevo aqui as suas palavras finais:

"São mais de sete horas da noite, e seguimos, eu e o fotógrafo Horácio Coelho, pela estrada deserta e fria, a caminho do nosso jipe que ficou atrás. Nossa artilharia continua incansável. O Castelo está bem na nossa frente, mas é agora apenas um cume e fraldas amansados. Já não nos domina com suas casamatas já não vigia implacável nos nossos caminhos, já não nos segue com os seus mil olhos vigilantes. E agora um morro brasileiro e dentro em pouco estarei lá em cima junto aos "pracinhas" vitoriosos, passando sem medo pela sua arrogância domada".



Em cima e em baixo: a rendição da 148.^a "Panzer"



Reportagem de
JOEL SILVEIRA
(Ex-Correspondente de Guerra na frente italiana)

Joel Silveira, no cume de Castello, 8 anos depois da guerra. Eram visíveis ainda crateras



ÚLTIMA HORA - 50ª edição - 22 de fevereiro de 1968 pg 2